

Documento da pré-fundação

PROGRAMA

Hoje quero apenas apresentar-me. – Esta resposta do candidato Yobs provocou uma sacudida geral de cabeças. Este verso profundo e muito poético duma célebre epopéia, pode ser interpretado de outro modo e, naturalmente, conforme a essência da interpretação, pode tornar-se ainda mais rico em conteúdo espiritual. Poderia ser, por exemplo: A notícia da nomeação do novo espiritual provocou retesamento geral de pescoços. A nomeação do novo espiritual... a expressão “novo espiritual” está no caso genitivo objetivo e refere-se à escolha do novo espiritual. Com isto devo dizer que cumpri também o desejo de Theile. Ele me sugeriu que hoje falasse algo sobre o genitivo. Então, Theile, estás satisfeito ou queres saber mais ainda?

Mas deixemos de lado a brincadeira. Estou bem consciente de que a interpretação do verso reflete claramente a vossa disposição, a vossa atitude contrária à minha nomeação. Estais admirados e desiludidos. Por isso os pescoços ficaram esticados. Mas deve ser perigoso quando se deixa por muito tempo o pescoço esticado. Pode-se até ficar com a nuca enrijecida. Foi por este motivo que tratei de pôr logo minha cabeça e pescoço em posição normal, e me conformei com o inevitável. Talvez... e com esta finalidade hoje quero presta-vos conta sobre:

Nossas relações até o momento presente

Nossas relações futuras.

Como foram as nossas relações até o dia de hoje? Di-lo-ei com breves palavras: não mentíamos nenhum contato entre nós mutuamente. Passamos um ao lado do outro sem nos chocar ou bombardear com olhares furiosos. Até aqui não houve nada demais. Por isso não soará de modo desagradável e indiferente se vos revelar que, por princípio, evitei travar relações mais estreitas convosco. No ano passado, quando cheguei em Ehrenbreinstein, o Revmo. Pe. Reitor solicitou-me atender as vossas confissões. Opus-me com todas as veras, conseguindo que finalmente que me deixassem em paz. Qual o motivo que me levou a esta atitude? Não pretendia manter nenhuma relação convosco, para dedicar todas as minhas forças e o tempo que me sobrasse às pessoas do mundo, especialmente aos velhos pecadores endurecidos. Queria caçar os assim chamados cordeiros pascais. Minha maior alegria sacerdotal consistia em acolher os pecadores que se achegavam sobrecarregados com velha carga de pecados

Primeiro Documento de Fundação

18 de outubro de 1914

Introdução

Transcorrera aproximadamente dois anos desde que o Pe. Kentenich tomara a seu cuidado a educação dos estudantes de Schoenstatt. Seus esforços e os dos jovens foram coroados pela vida da congregação Mariana recentemente fundada. Porém, o plano da divina Providência previa ainda grandes coisas para a Congregação. Até então as funções litúrgicas e as conferências do diretor Espiritual se haviam desenrolado na capela do internato. Este lugar, porém, não era tão favorável: a capela, muito, grande, e não era lugar reservado. Tanto Pe. Kentenich como os congregados buscavam outra solução. Pe. Kentenich reconhecia claramente a necessidade de que os jovens dispusessem dum lugar próprio, pelo qual se sentissem responsáveis e que lhes tornasse centro de união. Foi assim que pensaram na possibilidade de pedir ao Provincial, Pe. Kolb, a pequena capela dedicada a São Miguel, que estava abandonada no vale, junto do monte sobre o qual tinham o internato. Em julho receberam-na como propriedade e foi restaurada para seu uso.

Pouco depois, os estudantes partiram para as férias de verão. Em agosto, irrompeu a primeira Guerra Mundial – acontecimento estreitamente ligado à fundação e ao desenvolvimento de Schoenstatt. “Schoenstatt é filho da guerra”, dirá mais tarde o Fundador.

O tempo intermediário de julho a outubro, foi decisivo para a história de Schoenstatt. Foi neste espaço que nasceu no silêncio do coração do Pe. Kentenich a “idéia ousada” que deu origem ao Movimento.

O extraordinário aconteceu nas circunstâncias ordinárias da vida de cada dia. Caiu nas mãos do Diretor Espiritual a revista ‘Visão Panorâmica’, que continha um artigo sobre Bartolo Longo, advogado italiano que fundara um Santuário mariano na cidade de Pompéia. Pe. Kentenich interpretou este fato como sinal da Providência e meditou longamente sobre ele. Não poderia suceder algo semelhante também com Schoenstatt? Queria confiar toda a responsabilidade pela educação dos jovens às mãos de Maria. A situação do tempo, exigia deles o maior – a santidade. Não estaria nos planos de Deus que, como em Pompéia, Maria fosse atraída à pequena capela, para ali estabelecer o seu trono de graças, e revelar-se como educadora, realizando milagres de transformação?

A estas reflexões, juntaram-se duas outras que confirmavam o caminho traçado pela Divina Providência. O primeiro sinal positivo eram as abundantes bênçãos que Deus dispensara à pequena comunidade que lhe havia confiado: “Quem conhece o passado de nossa Congregação não tem dificuldade em crer que a Divina Providência planeja algo especial com ele”, dirá mais tarde. Por outro lado, acreditar que isto seria possível, concordava com a lei geral no reino de Deus: “Quantas vezes na história universal fatos pequenos e insignificantes, converteram-se em grandes acontecimentos”.

Pe. Kentenich meditou e rezou até chegar à convicção de que era realmente o desejo de Deus. Assim, quando os congregados retornaram das férias, já a primeira conferência lhes expõe sua “secreta idéia predileta”, sua “idéia ousada”.

A história futura se encarregou de provar amplamente que o Pe. Kentenich não se enganou na interpretação do plano de Deus, mas agiu sob a especial direção do Espírito Santo. A conferência de 18 de outubro testemunha um acontecimento vital, nova irrupção de graças: a aliança de amor da Mãe de Deus com o Fundador e os jovens. É o germe do qual brota toda a vida e estrutura da Família. A pequena capela transforma-se em Tabor de Maria e em centro dum grandioso movimento de renovação para a Igreja e o mundo atual.

PRIMEIRO DUCUMENTO DE FUNDAÇÃO

PROGRAMA: Aceleração do desenvolvimento de nossa auto-educação para transformar nossa Capelinha em lugar de romaria.

Em primeiro lugar, saúdo-vos depois de tanto tempo, com a bela saudação: “Nos cum prole pia, benedicat Virgo Maria” (Com o vosso divino Filho, abençoai-nos, Virgem Maria). É pela primeira vez que estas palavras da Congregação ressoam neste lugar. Queiram continuar ressoando por todos os tempos vindouros!

Pai, mãe e filhos se alegram ao transferi-se para o novo lar, mesmo que em confronto com a maravilhosa habitação alugada que deixaram, seja desprezioso e modesto. O pensamento de que a casa é nossa propriedade, compensa largamente todas as demais vantagens. Hoje também nós saboreamos semelhante alegria familiar. Esta capelinha pertence à nossa pequena família da Congregação, na qual reina nossa Mãe celestial. Ela é toda nossa, somente nossa. Sem inveja deixamos para os outros a capela da casa, mais bela do que esta – a casa alugada que tivemos até agora. Alegramo-nos e não permitimos que alguém nos roube esta alegria. Com ela, justificado sentimento de orgulho, hoje faz pulsar mais fortemente nosso coração. Este Santuário, mais ou menos abandonado há tempo, foi restaurado por nós e entregue à Mãe de Deus. Ao menos desde que os palotinos vivem aqui, estas paredes não viram ornamento mais belo do que o de hoje. Será que neste auspicioso fato podemos vislumbrar presságio favorável para o futuro desenvolvimento de nossa jovem Congregação?

Com toda a certeza! Seria obra sublime, digna do zelo e do suor dos mais nobres, se nós, congregados, conseguíssemos fazer desabrochar em nosso colégio, ardente amor a Maria e elevada aspiração à virtude, como nunca houve.

Por que me exprimo de maneira tímida e reservada? Acaso perdi a confiança em vós? Na verdade existem apenas ruínas de nossa florescente Congregação. Em breve, porém, à vossa fiel cooperação no ano passado e ao genuíno espírito mariano de que vos apropriastes. Nas férias, sob o fumo e a poeira do dia útil, talvez, se desfizeram muitos ideais. Muitos princípios que durante o ano pareciam-nos inquebrantáveis, não resistiram a prova na vida prática. No entanto, tenho a certeza de que uma coisa permaneceu: a convicção de que o genuíno congregado e a verdadeira grandeza religioso-moral de estado são inseparáveis. Como no final do ano letivo, também hoje nos anima o anseio de alcançar a vitória, isto é, a conquista do ideal de nossa Congregação. Não, meus queridos congregados, não perdi a confiança em vós. Sei que construindo sobre o que até agora conquistamos, faremos grandes progressos, como nos propusemos no ano passado.

O lento desenvolvimento da graça de nossa vocação e o grau mais elevado do espírito religioso e apostólico que dela dimana, ainda não é o que eu quisera propor-vos como objetivo. Minha exigência vai muito além. Cada um de nós deve alcançar o mais alto grau imaginável de perfeição de estado de santidade. Não simplesmente o grande e o maior, porém, o máximo há de ser a meta de nossa mais elevada aspiração. Certamente compreende que ousar apresenta-vos tal exigência extraordinária na forma de modesto desejo.

Se, porém, quiserdes saber o autor deste desejo, posso revelar-vos a idéia predileta que acalento em meu interior.

Ao contemplar as magnificências divinas no monte Tabor, Pedro exclamou encantado: “Aqui é bom estar! Façamos três tendas” (Mc. 9,5). Estas palavras sempre me voltam a memória e freqüentes vezes me perguntei: Não seria possível que a Capelinha de nossa Congregação se tornasse nosso Tabor, no qual se manifestem as magnificências de Maria? Sem dúvida, maior ação apostólica não podemos realizar, herança mais preciosa não podemos legar aos nossos sucessores do que mover Nossa Senhora e Rainha a estabelecer aqui, de modo especial, o seu trono, distribuir seus tesouros e realizar milagres da graça. Pressentis o que viso: gostaria de transformar este lugar, num lugar de romarias e de graças para nossa casa, para toda a Província alemã e, talvez, para mais além. Todos os que aqui chegarem para rezar, terão de experimentar as magnificências de Maria e confessar: Aqui é bom estar! Aqui queremos construir tendas! Este será o nosso lugarzinho predileto! Esta idéia é ousada, quase ousada demais para o público em geral, mas não para vós. Quantas vezes na história universal, fatos pequenos e insignificantes, converteram-se em grandes acontecimentos. Por que não poderia também ser este o nosso caso? Quem conhece o passado de nossa Congregação, não terá dificuldade em crer que a Divina Providência planeja algo especial com ela.

Dizendo isto, meus caros congregados, sinto que minhas palavras encontraram eco: vossos corações se inflamaram. Fizestes vosso o meu plano. Deposito tranqüilamente em vossas mãos tanto o projeto como a sua execução. Não tenho receio de escreve-lo em nossa crônica. As gerações futuras nos julguem. Será que atingiremos nosso objetivo? Quanto depender de nós – não o digo duvidando, mas com plena confiança – nós todos, meus queridos congregados, nada deixaremos faltar. Como a capela de Nossa Senhora, em Florença, teve grande importância na santificação de São Luís, nosso segundo patrono, esta Capelinha de nossa Congregação deverá ser para nós o berço da santidade. Esta santificação fará suave violência à nossa Mãe Celestial e atraindo-a para junto de nós.

Aconteceu há mais de cinco séculos. Ingleses e franceses dilaceravam-se em guerra sangrenta. A França estava prestes a ser inteiramente aniquilada. Nesse tempo, uma jovem francesa, singela aldeia em fervorosa oração, suplicava à Mãe de Deus, a salvação de seu rei. De repente aparece-lhe o arcanjo São Miguel e lhe diz: “Aquela a quem o grande Deus reconhece como sua Mãe, ordenou-me que viesse a ti e te incitasse a tomar a espada, cingir teu corpo com armadura e defender a causa

da justiça. Libertarás a cidade de Orleans de seus inimigos e levarás o rei à coroação em Reims. Na igreja de Santa Catarina, em Fierbois, há uma espada enterrada atrás do altar. Manda desenterrá-la e cinge-te com ela”.

A jovem chamava-se Joana D’Arc e tornou-se conhecida na história com o nome de “Virgem de Orleans”. Pio X beatificou-a em 1909. Parece-me como se neste momento, aqui, nesta antiga Capelinha de São Miguel, Nossa Senhora nos falasse pela boca do santo Arcanjo:

Não vos preocupeis com a realização do vosso desejo. Ego diligentes me diligo. Amo aos que me amam. Provai primeiro que realmente me amais e tomais a sério os vossos propósitos. Agora tendes a melhor ocasião para demonstrá-lo. Conforme o plano da Divina Providência a grande guerra europeia é meio extraordinariamente proveitoso na obra de vossa santificação. Esta santificação exijo de vós. Ela é a armadura a vos revestir, a espada com a qual deveis libertar vossa pátria de seus poderosos inimigos, colocando-a na vanguarda do mundo antigo.